

O eleitor classe A se diverte na eleição

CARMO CHAGAS

Nas duas primeiras pesquisas Gallup para o segundo turno da eleição presidencial, a maioria da classe A estava com Fernando Collor de Mello, do PRN. Na terceira pesquisa, a classe A mudou. Passou a preferir Luiz Inácio Lula da Silva, do PT. Na quarta pesquisa, publicada ontem pelo Estado, a classe A havia mudado de novo, voltando para Collor.

Essa inconstância, na verdade, vem desde as pesquisas para o primeiro turno, quando a classe A oscilou entre Collor, Guilherme Afif Domingos, do PL, Mário Covas, do PSDB, Paulo Maluf, do PDS, Leonel Brizola, do PDT, e Lula. Até o candidato do Partido Comunista Brasileiro, Roberto Freire, andou encantando a classe A, com seu charme.

Não começa na inconstância, entretanto, a dificuldade dos pesquisadores em decifrar a intenção de voto dos eleitores mais ricos. Eles são numericamente muito poucos, antes de mais nada. A classe A representa não mais que 6% do total, ou menos de cinco milhões entre os 82 milhões de eleitores.

Além de poucos, eles são inacessíveis. O Instituto Gallup adota o sistema da amostra domiciliar. O pesquisador vai à casa do entrevistado. Bate à porta das classes C e D-E. Toca a campainha ou o interfone da classe B. Em todos esses casos, o pesquisador obtém uma solução rápida. Logo ele fica sabendo se o morador pode ou não ficar cerca de meia hora respondendo ao questionário.

Com a classe A, tudo se complica. As casas geralmente têm um esquema de segurança, cães bravos, criados pouco amistosos. E

quando, finalmente, o pesquisador consegue chegar ao dono ou dona da casa, raramente a pessoa pode atender naquela hora. Às vezes até pode, mas não quer atender. E quando, afinal, aceita responder ao questionário, o eleitor classe A hesita, demora, cansa o entrevistador.

PRIMEIRA ONDA

Até o mês de agosto, as pesquisas Gallup davam Collor como o preferido da classe A, sempre com mais de 30% das intenções de voto. Os outros vinham invariavelmente muito atrás, mal chegando aos 10%. Pelo final de agosto, outros candidatos passaram a registrar dois dígitos entre a classe A. A pesquisa realizada entre 10 e 22 de agosto dava Covas com 12,6%, Brizola com 11,8% e Afif com 10,1% (Collor permanecia inalcançável, com 33%).

“Até o candidato comunista, Roberto Freire, andou encantando os eleitores mais ricos com seu charme”

A pesquisa seguinte, com entrevistas feitas entre 29 de agosto e 4 de setembro, mostrava Collor pela primeira vez abaixo da linha dos 30 pontos, com 29,3%. E Afif subia para 17,5%. Formava-se, ali, a primeira onda das inconstâncias entre a classe A. As entrevistas realizadas entre 12 e 18 de setembro, pegando já os primeiros dias do horário do TSE na TV e no rádio, resultavam na liderança de Afif entre o eleito- rado classe A, com 20,8%. Collor vinha colado, com 19,3%.

Afif disparou nas pesquisas seguintes. Chegou a ter 29,3% dos entrevistados entre 4 e 10 de outubro. Nessa pesquisa, Collor havia despencado para 14,6% na classe A — e Mário Covas, com 14,5%, apresentava-se como outro preferido dos ricos.

OUTRAS ONDAS

Atingido nessa ocasião pela saraivada de críticas que se desencadeou contra todos que registraram ascensão nas pesquisas, Afif começou a cair na classe A. Para o seu lugar de líder entre os mais ricos, subiu Maluf, com 19,1% na pesquisa feita entre 18 e 25 de outubro. Logo em seguida, com 18,5%, vinha Covas. Afif era o terceiro, Collor, o quarto.

A pesquisa seguinte, feita entre 26 de outubro e 1 de novembro, sofreria já os abalos do terremoto Sílvio Santos. A armação para que ele substituisse Aureliano Chaves, como candidato do PFL, foi anexada ao questionário dos pesquisadores Gallup. A pesquisa tinha, então, uma versão sem Sílvio Santos, em que o campeão da classe A era Covas, com 18,3%. Mas na outra versão o preferido do eleito- rado mais rico era Sílvio Santos, com 17,8%, seguido de Covas, com 17,4%.

O TSE fulminou a candidatura Sílvio Santos e a nova pesquisa Gallup, realizada entre 8 e 10 de novembro, dava Covas como líder na classe A, com 19,1%. Depois, vinham Maluf, com 15,7%, e Collor, com 14,1%. Na antevéspera da eleição, com entrevistas feitas nos dias 12 e 13 de novembro, os eleitores classe A de Maluf migraram para Collor, que vinha em segundo, com 20,2%, atrás de Covas, líder com 21,7%. E foi com essas preferências, Covas e Collor, que a classe A chegou ao primeiro turno da eleição, depois de passar por meia dúzia de candidatos.

